

*Leitura
manuscrita*

(DECIMA EDIÇÃO)

Micões colligidas

por

A.B.C.R.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES & C°

Rua do Ouvidor, 116 - RIO DE JANEIRO

Rua de S. Bento, 55-A, PACHE

Rua da Bahia, 195 - BELO HORIZONTE

SA
38-8
03

A
9 - 2
48



00020824

O. A.
C. Nde E

1826

Memoria Manuscrito Sícenes colligidas

BIBLIOTECA NACIONAL
DE MAESTROS

Suplido
por del N° 23585

B. S. R.

A
8 - 10
12

*Approvado e adoptado pelo Governo para
as escolas publicas do Estado*

Reservado todos os direitos.

§ Calligraphia.

— Não digas que elas av-
diantado nor escola. Até é
feio. Pois então esta letra é
de um aluno no adiantado?

— Ora, tu parece tola. Que
é que vale a calligraphia?

— Que é que vale? Minha
mestra não me daria uma
só nota boa, se eu escrevesse
assim.

— Os mestres andam sem-
pre com estas historias. Diz-
me uma cosa. Que é que va-
le mais a casca ou o miolo?
A calligraphia é a casca e
o miolo é o que a gente escre-
ve, o sumo.

— Sim, mas uma pagina
de letra bem talhada, bem
limpa, é uma cosa muito
bonita.

— É a tal babuzeira de

sempre. De que serve ser bonito?... Melhor, muito melhor é que seja bem escripto, com correccão e estylo elegante. Olha, sabes uma cousa, eu creio que os grandes homens escrevem todos com uma letra muito feia, muito mal feita, muito cheia de borões e de emendas.

- Como a tua?

- E porque não?

E assim teria continuado a discussão entre Alvaro e a sua irmã, se o pae não entrasse na occasião a tempo de ouvir parte dos debates.

- Olha, está ali papae, vê si elle anda bordando lettras como tu?

- Não borda letras, mas também não enche o papel de borões e de emendas.

- Tua irmã, tem razão,
disse o pae. A calligraphia
deve ser cuidada com ca-
rinho. Uma bonita letra
é um excelente dote no ho-
mem. Digo-te mais, é uma
 prova de boa educação.

- De boa educação papaé?
Sim. A boa educação,
a civilidade, é um resumo
em poucas palavras. Pa-
ra mim não consiste em
certas e determinadas es-
tiquetas, mas num prin-
cípio que as resume todas,
e que a todas deve servir de
base. Este princípio é o se-
guinte:

Em nossas relações, tanto
familiares como sociaes, deve-
mos procurar sempre aquillo
que for agradavel às pessoas
com quem tratamos e evitar
tudo aquillo que possa ser
desagradavel.

É por isso que devemos ser correctos nas maneiras, vestir-nos com asseio, falar com cuidado e cortezia, e escrever de modo que quem tirar de lér o que escrevemos, tenha uma impressão agradável.

— É justamente o que eu dizia, devemos escrever correctamente, com estylo, com elegancia...

— Com calligraphia.

— Mas os medicos são pessoas educadas e eu sempre ouvi dizer que têm uma letra muito má. Até já me disseram que eu tenho letra de medico.

— São todos. Medicos conhecem eu, que não desprezam a calligraphia. Além de que, ao medico, tendo de escrever a receita ainda impressionado muitas vezes

pelo exame do docente, é desculpável quem não possa ter capricho na letra; entretanto, imagina o mal que pode causar, se escrevendo sem a devida clareza, o farmacêutico se enganar com os medicamentos.

— Vê, como eu tinha razão?

— Concordo com papai, mas não contigo. Que se tenha letra clara, sim, mas andar bordando letras!

— Não é preciso bordar letras. Mas é preciso ser cuidadoso. Tu dizes que concordas comigo e não com tua irmã; fico bem, eu te direi que concordas com ambos. Para que um homem possa ter uma letra regular, limpa, igual, embora não seja uma letra bonita, é preciso que em criança, na escola, tu nás sempre o maximo ca-

pricho, não escreva uma só
linha, uma só letra com
falta de cuidado. A cal-
ligraphia é um bom dote
no homem; não é porcer-
to o mais precioso, ento-
tanto merece bem que não
seja desprezado.

B. P. R.

A lingua portugueza.

É a lingua portugueza
bella, rica e sonora; melhor do-
ra e tarda que a alema
era inglesa, mais energica e
varia da no ouvido que a ita-
liana, mais suave e natu-
ral que a castellana, e su-
perior em tudo à francesa.
José Bonifácio.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	-	1	8	5	00	-

Vozes de animaes.

Palam péga e papagaio
Excacareja a gallinha,
Os ternos pombos arrulham,
Geme a rôla innocentinha.

Minge ar vacca, berra o touro,
Grasnava râ, rugiu o leão,
O gato mia, uiva o lobo,
Tambem uiva e ladra o cão.

Relincha o nobre cavallo,
Os elephantes dão uivos,
A timida ovelha bala,
Jurrar é proprio dos bubos.

Regouga a sagaz raposa,
Buntinho muito matreiro,
Nos ramos cantam as aves,
Mas pia o mocho agoriero.

Sabem as aves ligeiras
O canto serviriar,
Fazem gorjeios às vezes,
Às vezes põe-se a chilar.

O pardal d'anninho aos campos,
Não aprendeu a cantar,
Conosco rato e as doninhas,
Apenas sabe chiar.

O negro corvo crocita,
Junco mosquito enfadonho,
A serpente no deserto
Soltá assobio medonho.

Chiam lebre, giasma o pato,
Quem se os porcos quinhir,
Libando o suco das flores,
Costuma a abelha zumbir.

Bramam os tigres, as onças,
Pia, pia o pintainho,

Cucurica encanta o gallo,
Sate e gane o cachorrinho.

A vitellinha dá berros,
O cordorinho balidos,
O macaquinho dá quinchos,
A creancinha vagidos.

A fala foi dada ao homem,
Rei dos outros animais:
Nos versos lidos acima
Se encontram, em pobreína:
As vozes dos principais.

Pedro Diniz.

A B C D E F G

H I J K L M

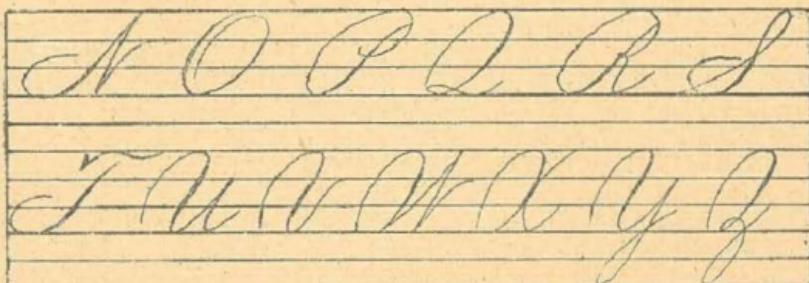
Lucas

Quem fosse n'aquella hora
Sobre algum tronco lascado,
Sentar-se no descampado,
Na solitaria ladeira,
Veria descer da serra,
Onde o incendio vai sangrento,
A passo tardio e lento,
Um bello escravo da terra
Cheio de vico e valor...
Era o filho das florestas!
Era o escravo lenhador!
Desceu a encosta do monte,
Tornou do rio o capricho,
E foi cantando baixinho
Como quem canta p'ra si.
Era uma dessas cantigas
Que elle um dia improvisara

Quando juntas coiucas
Tez-se o escravo-trovador;
Era um canto languoroso,
Selvagem, bello, virace,
Canto o canico que nasce
Sob os raios do Equador.

Eu gosto d'essas cantigas
Que me vêm lembrar a infancia;
São minhas velhas amigas,
Por elas morro de amor...
Deixar ouvir a toada
Do captivo lenhador.

Castro Alves.



O Gil

O Gil, criança estragada
pelo maternal carinho,
é um fero despotasinho
de natureza indomada.

Já matou um passarinho,
rasgou uma obra ilustrada,
furou um olho ao gatinho,
quebrou um braço na escada.

Sí a mãe o perde de vista
a conversar com os parentes,
o Gil percorre as alcovas,

— Que barbeiro e que dentista!
Tirando os dentes aos parentes,
fazendo a barba ás escovas.

Antonio Sallés.

a b c d e f g h i j k l m

n o p q r s t u v w x y z

Natal

Poite, de Natal, Theresa
Princous, correu seca e micas,
E enfim, de cansaco queixa,
Foi dormir sua someca.

Quando acordou - que surpresa!
Vendo ao lado uma boneca
- Rosada como uma inglesa,
- Loura como uma sueca,

Vestiu-se com douslo afans
E em procura, da matan,
D o quarto a fira correu...

E ao rel-a, disse: «Mäisinha
Olha esta bonequinha
Que Nossa Senhora me deu!»

Antonio Salles.

Agricultura é a maior
ocupação do homem

Aniversário.

*Muito amado.
No dia dos*

meus amigos que queres que eu te diga?

*Lige os amigos da virgem:
são como as manhãas das flores? e que
maia aurora da vida, flores e doçuras,
scintillantes do orvalho de Deus.
Ten mais pureza e perfume? Pois.*

*Direi-te ei sómente
uma coisa: — E' que lá no Rio
vale salver a pena faser annos.
Tá uma balde de primavera e de
esperança, vivendo e sentindo-se
liver, é doce porventura sentir
que mais um anno passou como
um sorriso, mais um anno de sa-
dade e felicidade.*

Aqui não acontece assim.

Ocio tem nevoas, a terra não tem
verdura, as tardes não tem perfume.
É uma miseria! E para desgostar
um homem toda a sua vida de vir
ruínas! Ficado aqui parece velho
e cemenario... até as moças! São
insípidas como a mesma velhice.

O dia 12 de Setembro está para chegar.
Estou quasi não fazendo amos dessa vez.

Adoles, minha irmã!
Alegria nova da vida que se abriu
não seja tão feliz como a que se fechou hom.
Hom.

O dia seja bello como a aurora,
o futuro tão suave como a saudade e
doce. Adeus!

E' a palavra que d'entre as
saípas em ruínas da nossa terra,
te envia,

Seu irmão.
Araújo de Frevedo.

Arrependimento infantil.

Era uma vez uma menina - linda menina que ella era.' - Muito linda de rosto e de gesto, e da figura e de tudo, porém muito feia de coração.

Vivia esta menina com sua mãe, que a adorava, e com outra irmã, que tinha, mais velha e melhor, sem comparação muito melhor.

Adorava-as a ambas, como vos digo, a boa de sua mãe que era uma senhora moça e ainda formosa; mas pesava-lhe muito e muito que tanta maldade se escondesse em tão galante criatura. Quem visse a menina chamar-lhe bia um anjo que tramava gentileza tinha; mas quem a traísse... - ai! Deus do céo! - nem me atrevo a pensar no que lhe chamaria.

Tinha ella sete annos, uns sete annos travessos como os sete peccados mortais, e, se bem me lembra, chamava-se Luiza. Pra a menina Luiza, que vivia muito estimada e acarinhada por sua mãe, e com tantos nimios de criação era como vos ia contando, uma criatura muito endiabada, muito e muito má lá por dentro. Custa-me dizeras ter que dizer-vos isto de tão linda menina, mas é a pura verdade.

Faria chegar o prazer ao coração vel a logo de marisa bem vestida, bem pregada e bem penteadas, feita um brinquinho com muitos cuidados e disvelos; era uma dor d'alma quando meia hora depois aparecia enxovalhada e desgrenhada, toda outra muito diversa do que fôra, uma bruxa horrenda para a vista. Não era isto que ella fosse de seu natural inimiga do açoio, mas porque tanto corria, tanto saltava, tantas bravassas faria, que em breve todo aquelle conchego, arranjo e concerto, era como se nunca houvessem feito.

Ora bem védes que menina assim, só sua mãe - tão boa mãe como ella era - a poderia soffrir. Mas, para que melhor vejais até onde chegava a maldade d'aquele coração pequenino, quero contar-vos um caso que lhe sucedeu - um caso cruel que a fez chorar muito e por muito tempo.

Havia em casa uma cadellinha, cor de ganga, bonita - era uma perfeição. Fiel e boa amiga, limpa e nédia a não poder ser mais. Era a perola da especie canina: só lhe faltava falar. Em mansidão não havia excedel-a. Brincava com as duas meninas como se tivesse entendimento. Deixava-se arrastar, torcer e beliscar pela diabolica Luiza, sem de tudo aquillo se mostrar offendida; antes de cada vez lhe lam-

bia mais e mais as mãos, farendo-lhe festas
com ar queixoso sim, mas não agastado.

Cancada de ver que todos os seus maus
tratos não enraiveciam a boa cadellinha,
ou talvez inspirada pelo demônio tentador
das meninas más (que eu não quero acreditar
possa haver maldade bem profunda
n'estas almas novinhas, ainda de pouco
saídas d'entre as mãos do Creador), quereis
saber o que ella fez?

Sem se importar com os bons conselhos
de sua irmã, que lhe pedia com lagrimas
nos olhos não fixasse tal, pegou de um cordel
muito forte, e chamando a cadellinha com o
engodo de alguns bolos - arrepiam-se-me os
cabellos só de pensal-o - ata-lh'o a cauda, e
começa a apertar-lh'a sem alma, cada vez
mais e mais, com muito prazer seu, e muitas
sentidas queixas da pobre cadellinha, que toda
se torcia e gania com a grande dor que
lhe fariam padecer.

Em quanto o triste brutinho ergua para
a horrenda pequena uns olhos lacrimosos e re-
prehensivos, que fariam estalar de pena o co-
ração mais duro, ria-se ella como uma per-
dida Ria, como se lhe tivessem dado um pa-
raíso de alegrias. Ria, ria, ria, e cada vez
apertava mais.

A cadellinha era muito mansa, muito
docil, mas não era de pedra. Afinal seccaram

-se-lhe todas as lagrimas do seu padecer fugiram-lhe os gemidos dolorosos. Estava já a ponto de desmaiar de puro soffier quando, por um instincão de defesa, mais poderoso do que a vontade, por um movimento muito rápido, muito cego, e muito cheio de desesperação voltou a caleça e cravou os dentes nas mãos da cruel menina.

Vejam que horror! A pobre da cadellinha, logo no mesmo momento arrependida do mal que a sua dor causara, começou a ganir com maqua ainda maior, e desbui-se de rojo no chão lambendo-lhe os pei, como quem se oferecia ao castigo.

Quisera eu que todas as criancas mal inclinadas vissem aquella vista - Que vista, meu Deus! - O brutinho com um anel ensanguentado, feito pelo fatal cordel, na cauda que d'antes encaracolava com tamanha graça! E ella a doida da Luiza, com a mao ferida pelo desespero do pobre animalzinho, que nunca na sua mansa vida fizera mal a ninguem! - Ai anjos do céo! Devia de ser medonho!

Mas - podereis credo - apesar da grande dor que sentiu, Luiza não chorou. Não chorou porque uma voz desconhecida lhe disse ao ouvido que toda aquella dor só a sua maldade lha tinha feito, e ella nem um grito soltou!

Ob! por muito má que uma menina seja, lá lhe ha de chegar por força uma horá em que oíça aquella sinta voz da consciencia, que é a voz de Deus, pae de todas as meninas. Luiza não chorou, mas asseguro-vos que também já não ria como dantes rira. Os gemidos generosos que a suis pes soltava a cadellinha, entraram lhe pela alma dentro, ensinando-lhe a arrepender-se.

Nisto chegou sua mãe com a irmã que vira aquella desgraça e vinha toda chorosa. Que scena para tal mãe!

O primeiro impelo de Luiza foi abraçar-se-lhe aos braços, mas não se atreveu. Parecia que tinha os pesinhos pregados no sobrado e tinha, que o peso da vergonha não lhe consentiu dar um passo. A boa da senhora sabendo a feia accão d' aquella má, tinha a muito custo - a muito custo crêde-m'o - composto um semblante mui severo e rigoroso; mas a vista d' aquella confusão em que estava posta a culpada, d' aquelle grande arrependimento e d' aquelle sangue que verlia a branca e linda mão de sua filha, todo o vigor se lhe hocou em magua e piedade.

Seniou-se também ferida no seio de mãe, e abriu-lhe os braços - uns braços imensamente consoladores, vergando de perdoes e misericordias.

E como a infeliz - que assim podemos chamar-lhe - e como a infeliz se achou leve de repente! Como correu a mergulhar, n' aquellas ondas de compaixão, a dor do seu arrependimento! Como foi depressa esconder no peito de sua mãe o rosto e a vergonha! - Se a visseis... que dó!

A boa mãe já tinha perdoado. Perdão para tamanha culpa só poderia alcançar o um grande arrependimento; e o arrependimento da menina era tal como vol-o não sei contar. Apertou-a muito, muito a si, e por entre as lagrimas com que aljofrava o rosto, sorrid-lhe ternamente como só sabe sorrir quem é mãe.

Deve ser assim o céo, quando um enimoso se arrepende.

A prudente senhora não lhe ralhou, não. Bem o merecia ella, mas a consciência dizia mais a sobre menina, muito mais do que os ralhos poderiam dizer. Ralhos, quanto a mim, só são para a maldade que não têm pejo nem promete emenda. Se as meninas soubessem quanto devem custar, a quem é mãe, esses feios ralhos!... Não ralhou, como vos digo; só lhe disse, em quanto lhe lavava as feridas da mão com a aqua dos seus olhos, e as da alma com o disvelo do seu amor:

Tes filha, quantas bocas te repreendem
da tua maldade?

E de certo repreendiam. A dor fizera en-
trar bem fundo os dentes da pobre cadelli-
nha; mas a mordedura que o remorso lhe fez
no coração, essa ainda foi muito mais fun-
da.

Teve a menina tamanha vergonha do a-
contecido, que por muito tempo conservou
o costume de esconder a mão que fora feri-
da, quando vinha alguém de fora. Também
algumas vezes foram dar com ella a abra-
çar a cadellinha, chorando ambas como
se a cadellinha a entendesse.

Ao menos a lição aproveitou. Luisa d'
abi em diante fez-se tão boa como linda.
E muito mais linda ficou parecendo, porque
a formosura da alma, que torna tão ga-
lantes as meninas toda se lhe reflectiu
na muita formosura do rosto, que são
formoso linha. Foi tal a emenda, que lo-
dos, quando a viam passar, depois d'aquil
lo suceder, diriam o que já d'antes affi-
mavam de sua irma:

«Abi vai a rainha das boas meninas!»
Ovi que ella e a cadellinha des-
de aquelle dia ficaram inseparaveis.

Mendes Leal.

Bosquejo

Repica o sino da matiz da villa,
Como um dia de gala...

São dez horas somente, o sol rutila,
Faisca o espelho de crystal da sala.

A pendula palpita
Comprazada e monotonía, singello...
Numa gaiola, eléctico saltita
Um canário amarello...

São dez horas; erguidas
As persianas deixam ver dictante,
Das árvores floridas
As frondes vicejantes...

Subtil essencia de magnolia e rosa
Repassa o ambiente... e a mãe a leitura,
Sorrindo carinhosa,
A loura filha ingenua e pequenina...

Raymundo Barreia.

A superstição.

Alzira estava um dia no seu quarto e entretinha-se a ler um interessante livro que seu pai lhe havia dado.

Tinha que tivesse alguma instuição; esta não havia sido bastante para tirar-lhe do espírito certas crenças que as mentirosas histórias referidas por sua avó lhe haviam transmitido.

Alzira era supersticiosa. Suspendo a leitura por um instante, ella viu que voava pelo quarto uma grande borboleta preta.

A profunda moça atirou o livro ao chão, levantou-se toda tremula, deu um grande grito e nem teve coragem para sair do quarto.

Seu pai que ouviu o grito que ella deu, correu para onde estava a moça e perguntou-lhe o que lhe tinha causado tão grande susto.

— Olha!... Papae!... Uma borboleta preta... aqui... no quarto, responderam a moça quasi sem poder falar. Que desgraça... não suceder-nos?

— Minha filha, tornou o pae, é preciso que de uma vez deires de ser suposticosa. A suposticosa é um mal terrivel e que não tem razão de ser.

Isto traz felicidade, dizem os que têm a felicidade de acreditar nessas coisas! aquillo traz infelicidade!

Ignorancia ou loucura! Sembras-te que só uma cousa dá felicidade, — é o cumprimento do dever, só uma cousa nos faz infelizes, — é o faltar ao nosso dever.

Quem é justo e não tem essas crenças bestultas, é só em sua consciencia que vai buscar o segredo de sua felicidade.

Felisbeto de Carvalho.

Felisberto de Carvalho

Foi professor.

Sua vida foi o que costuma ser a vida daquelas que conseguem este título. Trabalhou, luctou, esforçou benefícios in-calculáveis, e como recompensa teve apenas a gratidão dos poucos que souberam compreender quanto o Brasil deve a suas forças.

Sus livros são ainda hoje excellentes guias no ensino.

Não devemos fazer aquilo
que o que não queremos
que somos fáceis.

As duas mães:

Nunca igreja se encontraram
Duas mães em certo dia,
Uma entrava: nesse instante,
Toda cheia de alegria.
Orgulhosa e triunfante,
Levara chegado ao peito,
Um filhinho a baptizar.

Outra, a infeliz que saibia,
Levara um filho também,
Oh! mas essa pobre mãe
Levara o filho a enterrar!

Cruzaram-se a poucos passos,
A que trazia nos braços
Cheio de vida e conforto,
O filho dos seus encantos,
E a triste lavada em prantos,
Que seguia o filho morto.

Trocaram ambas o olhar,
Ningu a mãe afortunada
Foi que rompeu a chorar,
Enquanto a desventurada,
Que o filho tinha perdido,
Oh! maravilhas do amor!
No meio da sua dor
Sorriu ao recém-nascido!

Bulhão Pato.

Amor de família

O amor de mãe é o mais ardente que se irradia daquele foco de amor de família do seu lar, e vedam-se nos corações dos filhos sentimentos brandos, que, não soubera a mequice, dura paixões quinzeladas. As lagrimas são raras no homem, e essas poucas esfumadas pelos afectos do coração, e pelas paixões violentas da alma, não seriam bom exemplo para filhos. Mas a mulher, angustiada, lagrimas, quando o é da sensibilidade, essa chora sempre, e faz chorar os que a contemplam com os olhos inocentes, e vendados ainda para as impurezas, que induzem o erro e extinguem a sensibilidade. Não estão nessa lastimável situação seus filhos, que aprendem o malvado, a mequice, os sentimentos ter-
6

nos, na ternura de sua mãe, no mimo
lindre daquelas sensações, e na
meiguice que afornosava suas lagri-
mas. E de todo esse complexo de ale-
grias e tristezas domésticas, gera-se o
fogo que alimenta uma luz peren-
te no salão do amor. A palavra
família - simbolisa, a supunha
das venturas mundanas, o sacra-
rio misterioso onde se divinizam as
grandes virtudes, que depois se apre-
sentam à luz da publicidade, no
commercio do mundo, para serem
admiradas.

B. Castello Branco.

O homen vicioso é como a

água que dorme: costuma

per-ss 1 2 3 4 5 6 7 8 9 0.

A lagarta e o bicho da seda

Vários animaes um dia,
Estando a pataratao,
Acertaram de falar
Do bicho que a seda fia.

—“Que prenda! que habilidade!”
(Dizia o clamor geral)

“Que estame tão fino e equal!

“Que lustro! que suavidade!

“Os reis, os deuses e as damas,
“Não querem d'outro trajar!”
lagarta velha, a arrolar,
Ouvia entanto essas famas;

Interrrompia os louvores
Com mas, com res; tanto fez
Que apanhou daquella vez
Uma lição das melhores.

De tanta ameira já farta
Disse a raposa: “Não vêm?
E' que a senhora lagarta
E' fideleira também!”

P. Feliciano de Bastilho

Um castello... em papas!

Fernandinho, de volta para casa, trazia, com todo o cuidado, a cesta cheia de ovos, que a madrinha lhe dera de presente.

Pelo rosado das faces, pelo brilho dos olhos, adivinhava-se-lhe a alegria que lhe inundava o coração.

Caminhava distraído, cabeça baixa, olhar immovel, suspenso quem sabe nas azas doiradas e macias de delicioso sonho!

Uma duzia de ovos! Que fortuna!... Eram, pois, doze pintainhos que iria ter dalli a vinte e poucos dias - dado o caso que não gerasse ovo nenhum!

Doze pintainhos, sim; mas devassem passar uns seis meses, e haveriam de ver mas era doze frangos gordos, tão gordos de metterem inveja aos vizinhos!

Ora, doze frangos vendidos, por barato, a 15.500 cada um, produziram 188.000!

E então com esse dinheiro, quanta coisa boa se poderia adquirir? Mas, que é mesmo que compraria de preferencia?

Uma perua?! Pois sim, compraria uma perua para fazer casal com o peri do Nenê; a qual, da primeira ninhada lhe daria uns dez peruzinhos!

Otros, vendidos a 15\$000 cada um, renderiam 150\$000. Bem; se em dez anos a producção continuasse a ser equal, ajuntaria um conto e quinhentos!

Depois, compraria uma porção de vaccas hollandezas; e então, todos os dias mandaria vender o leite pela cidade, num carrinho; e as novilhas iriam para o matadouro.

Quando possuisse ali uns vinte contos, compraria a chacara do pai do Suzinho. E o troly? E aquelles dois cavallos pretos, de raça? Deverem estar que haviam de pertencer-lhe tambem!

Plantaria então muitas laranjeiras,

muitas ameixeiras, e jaboticabeiras também, e muitas outras árvores frutíferas, formando um magnífico pomar!... Horta? A sua havia de produzir inveja!

Para ver os trabalhos diários de sua chacara, compraria um cavalo-pampira, que se chamaria Abarengos.

Sairia no Abarengos todas as manhãs, e quando voltasse para almoçar, às 9 horas, um criado havia de lavar o cavalo, e dar-lhe uma boa reação de milho, para depois leval-o para a cocheira...

Mas só elle poderia montar no Abarengos; ninguém mais. E si Nenê algum dia insistisse para cavalgar o seu pampinha, elle havia de dar-lhe um socco...

Absorvido em seus pensamentos, Fernandinho levantou o braço em accão de dar o socco... Mas lá se foi a certa ao chão, partindo-se todos os ovos, e transformando-se nalgum o risonho castello que elle construira na imaginação!

Arnaldo de Oliveira Barreto.

A Palavra

De todas as artes a mais bella,
a mais expressiva, a mais difficil,
é sem dúvida a arte da palavra.

De todas as mais se entretece
e se compõe. São-lhe as outras como
servas. Ella soberana universal. Da
estatuaria toma as formas; da ar-
chitectura imita a regada estru-
ctura de suas edificações; da pintura
sopla a cor e o desenho de seus
paineis; da musica aprende a
variada sucessão de seus compassos
e melodias; e sobre todos estes pre-
disados tem mais do que as outras
artes - a vida, que anima os seus
quadros, a paixão que dá novo es-
plendor ás suas tintas, o movimen-
to, que intima aos que a escutam
e admiram o entusiasmo e a
persuasão.

Háximo Coelho

Habitais-vos ao trabalho

Antonio João.

A columna devastadora vinha dirigida pelo coronel Resquim que, em nome da república do Paraguai, levava impiedosamente a guerra ao reio do Brasil.

O ataque bravia sido tão pouco esperado que os batalhões paraguaios, sem oposição alguma à sua marcha de conquista foram tangendo adiante de si toda a população tornada de vorávea e possuída de imenso pavor.

Ao passar a divisa do Império, Resquim destacaria de sua força de mais de cinco mil bayonetaruns seiscentos homens para irem abafar a resistência do tenente Antonio João na colônia de Dourados.

Valente homem aquelle tenente!

Isolado no fundo dos sertões, sentanella perdida da fronteira, morreu como um heróe, ao lado de onze companheiros em quem infundira a coragem e o patriotismo que lhe inflamavam o peito.

Não podia esperar socorro de ninguém. Encerrado em sua palisada, tinha diante e aos redor de si a imensidão do deserto.

Avisado dois dias antes, que para Dourados marchava uma força imponente, não quis desaparar o posto. Reuniu a gente da colônia e fez-lhe uma farta com que citou francos e até latim.

O homem tinha pretenções literárias que afagava com certo orgulho, e se revelavam nos afeições mensais que costumava dirigir ao chefe militar de Nossa.

Nessa farta ele expôr as circunstâncias em que se achava a colônia e a loucura da resistência, e terminou dando a todos

licença para o abandonarem.

Elle ficaria.

- Para que ? perguntaram uns soldados.

- Para morrer!

Onze de seus comandados declaráram que ficariam também.

Todos os viais partiram: mulheres, crianças, velhos e até moços.

Antônio João esperou então os inimigos da pátria. Foi içar a bandeira do Brasil e preparou com zelo o officio com que havia de responder á intimação dos invasores.

No dia 28 de Dicembre de 1864 um soldado, que sabia a cavalo a deixar a redondela, voltou a grande.

A vanguarda paraguaya jáinha aparecido.

Antônio João mandou tocar a scurra e distribuir os seu ofícios pela palissada. Cada um

tinha uma espingarda a Mené,
duas clavinas carregadas ao lado
e não lhes faltava nem munici-
ção, nem valor.

Por todos os lados se abriam
campos imensos, campos que já
se iam tingindo de vermelho.
Eram os paraguaios, cujas blusas
côr de sangue vivo manchavam
a verde palha seca.

— Estão todos prontos? per-
guntou Antônio João a sua gente.

— Todos, responderam os ouvre.

— Então amparem-se com
Deus, porque ninguém se en-
trega.

— Ninguém! repetiram os ouvre.

Era Leonidas no meio dos lace-
demônios.

De repente soou o clarim paraguaio.
Um parlamentário se aproximava.

A bandeira brasileira dende-
brou-se aos ventos do deserto. Parecia
ufana de abrigar aqueles doze su-
blimes insensatos. O losango ama-
relo sobre fundo verde; cõres

que mandam um sorriso de
consolo ao moribundo, quando
elle lhes deita o olhar de adeus
no campo da batalha. A coroa
imperial como que preparava-se
para descer sobre aquellas cabeças,
transformada em coroa de gloria.

Antonio Joao prezava-se de-
civilizado: recebeu, pois, com a
maior cortezia o enviado.

A intimação era curta: meia
dúzia de palavras, insolentes, como
costumavam alinhar os generaes
de Lopez.

O commandante de Dourados
rasgou em pedacos o officio que
preparava com tanto cuidado e
carinho, e a lapis traçou esta res-
posta:

"Sei que morro, mas o meu san-
gue e o de meus compatriotas
serviria de protesto solemne contra
a invasão do solo da minha
Patria."

E assinou com mão firme:

"Antonio Joao da Silva."

Os paraguaios o chamaram de louco, e nem faltou brasileiro que os depois dissesse o mesmo.

Retirou-se o parlamentário, e a força inimiga em distância cercou todo o campo. Para qualquer lado que os defensores de Dourados deitassem os alhos, viam um cordão vermelho que vinha se apertando.

Ná guarnição nra louca alma que fraqueasse. Quanto mais se demorava aquelle ataque desproporcionado, mais crescia o entusiasmo.

— Viva o imperador! gritou de repente Antonio João.

Era o signal de fogo. Os brasileiros disparamaram a um tempo as armas, ligava detonação para aquellas vastidões, respondida por uma imensa repercussão.

O herói brasileiro caiu ferido mortalmente.

— Fogo, minha gente, fogo! gritou elle nos arrancos da agonia.

Paros obedeceram á ordem.

Dali a proueira era arreada a bandeira da palissada, mas ella desceu com ufania como bandeira de victoria e, quando tocou ao chão, uma das suas dobras foi se ensopar no sanguine daquelle que tanto haviam ennobrecido.

Parecia enrubescer de orgulho.

Os paraguayos fireram justica a Antônio João.

— Era um valente! disseram elles. Se o Brasil tiver muitos desses, a nossa marcha por Matto Grosso não será uma simples passeio militar como nos contaram.

— Escragnolle Tamay.

Amigos.

Era da Terra-Nova: um formidavel cão.
O homem que m'o vendeu chamava-me Sultão,
E creio que o traria da doce amos consigo;
Eu só lho quer comprar para ter um amigo....

Depois que lhi's fraguei, o soberbo animal
Lançou-lhe um triste olhar destes que farem mal,
Que envolvem um adeus, talvez o derradeiro!
O domo, distraído a contar o dinheiro,
Nem mesmo reparou nessa aflição,
E disse-me a sorrir:- « E' um bravo este Sultão! »
« Bem nutrido e leal: dedicado e robusto! »
« Mas.... pode acreditar que lhi's douves custo... »
« Já me salvou a vida uma vez no alto mar. »
Disse isto, e cortefiou-me e partiu....

At scis mar
Naquella ingratidão, que tantas me recorda,
Do pescoço do cão desamarrando a corda,
Em voz alta eu bradei:- « Bem o dizias tu,
O poeta immortal: Le chien c'est la morte.
Eu, me prouant se faire homme, se fait bête.*
E como em todo olhar uma alma se reflecte,
A alma daquelle ser que vinha atrar de mim...
Curvo, humilde, ou talvez resignado por fim,
No olhar que então lhe vi, das sombras do senada
Parecia dizer-me:- « Obrigada, obrigada! »

Guilherme Braga.

* As palavras francesas significam: o cão é avistude que, não podendo fazer-se homem, se faz animal.

Orelogio

— Ora, muito bem, Sucinda, as tuas aulas terminam ás tres horas, e só agora, quasi quatro da tarde, é que me appareces em casa! Já me inquietava a tua demora! Que fizeste durante esse tempo todo? Pois não é civel que o gastasses no trajecto que costumas fazer em quinze minutos!

— Mas eu não me demorei pelo caminho, vovô. Si eu quisesse enganá-lo, dar-lhe-ia uma desculpa qualquer que o contentasse; mas não o quero, e por isso o senhor pode acreditar-me: vim directinha da escola para aqui, sem perder tempo, e nem parar em parte alguma!

— Mas então, como se explica essa demora?

— Não lh'a sei dizer, meu querido avô, e peço-lhe me desculpe a inquietação que lhe causei; terminou Sucinda com um ar compungido, e beijando a face do bom velhinho.

— Será que o nosso relogio esteja adia-

tado mais de meia hora?

— Ah! é isso mesmo, vovô. Agora me lembro. Hoje de manhã — o senhor ainda dormia, — à hora do café, papai comprou o relógio delle com o da varanda, e exclamou: "Não sei o que tem aquelle relógio! De uns tempos para cá adianta mais de meia hora por dia! No entanto, era um relógio excelente, e de uma exactidão admirável! Hum, mas agora já one não inspira muita confiança..."

— Ah! seu pai disse isso?! Mas porque o diria elle?

— Não sei. Provavelmente porque os relógios lhe falta agora aquella exactidão rigorosa que antes possuía, e que o tornava digno da confiança que n'elle se depositava!...

— É justamente essa a razão, minha filha. Quis seu pai dizer que o nosso relógio de parede, que até ha pouco tempo era um individuo leal, verdadeiro, honesto, por mentir se transformou agora num sujeito de carácter duvidoso, em quem não se pode mais confiar, até que outra

seja a sua conducta. E que bela lição de moral encerra este facto, minha filha! Todo aquelle que ambicie a amizade dos homens honestos; que queira achar-se rodeado da consideração respeitosa, e da confiança das pessoas de bem; todo aquelle que deseje, enfim, manter-se firme no concerto geral, — só o conseguirá, trilhando o caminho de que acaba de desviar-se o nosso relojo, que agora também só merece desconsideração e desprezo.

Arnaldo de Oliveira Barreto.

Quando entriste e estouvados
offendemos muita gente sem
intenção nenhuma prestatada em
dizer a pessoa alguma I h

Glorias futuras

Os cinco irmãos

Dizia o mais velhinho,
Que se chamava Heitor.

"Serei Victor Meirelles,

"Eu quero ser pintor!"

"Eu não, prefiro a espada,
"Serei um general!"

"Eu quero ter as glórias

"Do Segundo Rio Herval!"

"Prefiro a paz, a lyra,

"Viver entre harmonias!"

"Serei Juqueia Freire,

"Serei Gonçalves Dias!"

"Eu não; irei á Itália,

"Só como peregrino!..."

"Serei um Carlos Gomes,

"O sonhador clívico."

É disse o mais pequeno,
Semivel quebra-louças:
"Eu quero ser Ottorini,
"Eu quero ser Pachouças."

Hilário Ribeiro

Hilário Ribeiro

Pequeninos a vossa praes
sil conhecem Hilário Ri-
beiro, e elle vos dirão
que són.

Seus livros elles encan-
tarão o espírito quando
elles ainda não
creancas.

Ha alguns annos os li-
vros de Hilário Ribeiro
eram os melhores das
escolas brasileiras, e mes-
mo hoje prestam elles
bons serviços.

O leão e a raposa.

Mensinhor! disse a raposa,
Falando um dia ao leão,
Eu não son me queria,
Mas calar-me é sem razão.
Sabe que mais, anda um burro
Aqui por toda a cidade
A dizer mil misónerias
Contra Vossa Magistade.
Elle diz, qui não perde
Como lhe acham talentos,
Em que consiste a grandiza
Pessoas sans merecimento.
Diz que o seu valor é força,
E que é pouca habilidade,
Quando vence facilmente,
Cestinta hericidade.
Calou-se em pouco o leão,
E depois, sorrindo, disse:
“Que importa o que dijui sono?
Enfadar-se é pravice.”
Marquiza de Alorna.

Piratininga

Em princípios de Janeiro de 1557,
treze collegiaes de S. Viceirte, dirigidos pelo
Padre Paiva, partiram com destino aos
campos de Piratininga.

Eram estes habitados por algumas
tribus de Guayanazes, tribus notáveis por seu
caráter pacífico, mas altivos, incapazes
de se sujeitarem à escravidão, a que só
poderiam ser reduzidos pelo emprego de
grande força e em última extrevidade.

Ainda neste estado, pensavam sem-
pre na liberdade, e procuravam todos os
recursos para recuperá-la.

Era seu chefe Tebipecá.

Chegados os padres ao Campo, e ser-
vindo-me das phrases do "Quadro Histórico
de Olivença de Oliveira, fitando a for-
mosa miragem do paiz, que ante elles se
distendia fizeram praça nas alturas
sobreceitas ao rio Tamanquati e
rio Anhangabá, e aí levantaram
um rustico aposento para seu abrigo.

A 25 de Janeiro, dia em que a Igreja comemora a conversão de São Paulo, celebrou-se missa nesse lugar.

Deste fato se derivou a denominação dada à povoação, que se começou a levantar, denominada que é conservada, até o presente.

Americo Brasiliense.

D. Maria de Souza.

Having died in a combat against the Hollanders, a valiant Estevam Velho, who had already lost other battles, his brothers, in a single day, reached his mother, D. Maria de Souza, who, calling her two younger sons, whom she was nursing, said to them:

— Acabam os Hollandeses de tirar a vida a Estevam, e, posto que já tenha perdido três filhos e um genro, antes vos quero persuadir que devias da obrigação precisa aos homens honrados, em uma guerra onde tanto servem a Deus como a el Rei, e não menos à Pátria. E logo, meus filhos, cingi logo a espada, e a triste memória

dodia em que a ponderosa cinta não vos
lembre a dor, mas somente a vingança,
matando ou sendos mortos tão esforçada-
damente que não degenerais d'esta mãe
e daquelas irmãos.

— M. Azevedo.

Chromo

Amanheceu. O tropeiro
Passa, cantando, na estrada;
No seu cabre o roceiro
Prepara as foices e a enxada.

Ao rumor a luz cassada
Enche de vida o terreiro;
Parecem bruma cerrada
As flores, lá! do espinheiro...

Aspira-se o olor suave
Do bom café... Alto e grave
Bate o pilão nas cozinhas.

Hea junto à horta uns barrancos.
onde a mulher, de tamancos,
Distribue milho às gabelinhas.

B. Lopes.

O mestre de reza

Costumes do Rio de Janeiro no
começo do século XIX

202

O mestre de reza era
só acatado e venerado
naquele tempo como o
mestre de escola, aliás do
respeito ordinariamente tri-
butado aos preceptores, dava-
se uma considerância in-
tável, e vinha a ser que os
mestres de reza eram sem
fôr velhos e cegos. Não eram em
grande número, por isso
mesmo viviam portanto em
grande actividade, e saía-
vam sofivelmente. Andava-
ram pelas casas a ensinar
analfabetos aos filhos, crias e es-
cavavam de rumbos os secos.

O mestre de reza não

trabalhava com especial vesi-
tia-se como todos, e só o
que o distinguia era ver-
se-lhe constantemente fora
de um dos bolsos o cabo
de uma liximuda pal-
matrizia, de que dudava
severdo, colhia fundo um
corporal onde jaziam vários
seus discípulos.

Assim que entrava
para a licet, reuzia em
um suri-circulo dia-
to de si todos os discípu-
los; presava do bolso a
liximuda ferula, colloca-
vava no bchaço encostada
a cadairo, onde se acho-
va sentado, e começava
o trabalho?

Fazia o mestre em
voz alta o yelo-sinal,
pronunciado e sagaroso, que
não que o bacanga-
nhavação em cõro todos

os discípulos. Quanto a
farcessou os signares era
que quasi sempre logra-
do, com faculdade de se
conceber, ignorante. Tudo que
toca à repartição das pa-
lavras, tão frívolo estava
que era, que maior que
foste o numero dos dis-
cípulos, percebia no
mio do côrvo, que hia
vão faltado este ou a
quella voz, quando al-
guém se atrevia a dei-
xar-se ficar calado. Sus-
pendede entâo juntar edia-
tamente o labalho e ocul-
gado era obsequiado com
uma recompensa de bolos que
de modo nenhunha desmu-
tava a reputação de que
gosa a praua de cego.
Feito isto, reconheçava o
labalho, voltando-se sem-
pre ao príncipe, de ed-

da voz que havia d'um erro ou
falla. / Acabado o relo-
segundal, que corvava diversas
infâncias p'p'is que ordinariamente
se tinha, q'dstava boa m'ra
hora, reflectia o mestre sosi-
nhos suiços e em voz alta
e compassada d'uma oracão que
lhe agradaria, reflectiais depois
o ideario os discipulos, do
primeiro ao ultimo, de um
modo que não era fallado
num contado, já se sabem
terremotos abrindo a rocha
completamente revestida de lodo.
Depois de uma oração sequiu-
se outra, e assim por diante
até terminar a leção feita p'a
d'arrha cantadga.

O sahir, recebia o mes-
mo cumprimento espon-
tâneo da obreira da casa.

M. A. d'Olmeida.

Bartholomeu Bueno da Silva

É uma intrepida figura de aventureiro, que se levantou no horizonte do seculo XVII no Brasil com uma grandeza selvagaria e semi-legendaria. Filho de portuguez e de india, nasceu na capitania de S. Paulo, e partilhou com os seus patricios a indomavel sede d'ouro que tantaos crimes e tantas fazanhas inspirou. Em 1682 organisou uma bandeira, penetrou no interior, e, encontrando indios goyazes arreiaados com enfeites d'ouro, tratou-os com a maior affabilidade, pedindo-lhes que o conduzissem ao sitio onde o ouro se encontrava. Negaram-se os indios; entao Bartholomeu Bueno reune os chefes, e, mandando vir um baril de aguardente, despeja o liquido perfeitamente semelhante á agua n'uma bacia, incendia-lo n'un vasto janche, e, mostrando a chama

ma azulada aos indios atorados,
diz-lhes que incendiaria assim os
seus rios e lagos se não lhe revela-
rem onde se encontra o ouro.

Cahem - lhe os indios aos pés,
e levam - o a um sítio onde
colhe ouro em abundância e com
a maior facilidade. A intrepidez
e a astúcia tornam realmente
notável este homem que é o
perfeccionado tipo d'esses intrepi-
dos bandoleiros, que, levados pela
sede do ouro, descobriram e ex-
ploraram o interior do continente
americano.

Pinheiro Chagas

A disposa productiva ou-
rigine, a improductiva
impobrece. E D O U

O orgulho da aquia.

(Paraphrase)

A aquia disse uma vez

«O bello sol e em sua voz havia

Um sarcasmo profundo —:

«A luz do dia

Porque a estragaz, o sol, deitando-a aos pés

Da mais humilde e mais obscura planta?

Porque mesclas a areia

Teu esplendor? Tantos fulgores, tanta

Riqueza, espalhas, prodigo a mão cheia,

Sobre mil cousas vivas que os não merecem...

Sobre a aya do insecto

Mais pequenino e de mais feio aspecto

Os teus limpídos raios resplandecem;

Vae procurar na sombra

«A flor mais terra, o passaro mais pobre,

E a esses plebeus da arvore e da alfombra

Dás um farrapo do teu manto nobre...

Sol, bello sol ardente!

Cousa tão rica como a luz da aurora,

Deverias conceder-l-a unicamente

«A serra, ao mar, à aquia que cíus a fira

Prompe; a tudo e somente ao que é grandioso,

«Ao que é bello, ao que é forte...»

E o sol então
Disse à aquia: « O meu raio esplendoroso
Beija, e verdade os miserios do chão;
A areia se mistura,
E busca, e tem amor
A perfumada e ronada frescura
De um calice de flor... »

A mesma luz que abraça
As tuas penas, aquia,
Deixo que a humilde e pequenina aza
Do insecto doura e fulgurante ala que-a... »

« E sabes tu porque?
Sobe onde estou, verás: tudo confundo;
Desta distancia de onde vejo o mundo
Em que é tão grande, o meu olhar não vê
Serras e mares, mais que aves e flores... »

« E um raio só dos meus é que ilumina
E que enche de fulgores
A aquia gigante e a Terra pequenina... »

Vicente de Carvalho.

Ostensas do Tigre

—o—

Não só os animais
fracos, mas também os
fortes se valem de suas
injustiças e artifícios
para conseguirem que
comer. O tigre, a quem
não faltam forças, ar-
mas e ligeireza, refere-
se Elman, quando se dão
no lugar onde há a-
bundância de bugios
(de cuja carne elman
cassandra) e deixando se
no chão debaixo de
algum valioso avô, ou-
deles costumava a-

ceder, pôe-se ali co-
mo morto, sem ba-
lar comigo, num am-
da fiareta apagada.
Então os bugios
que estavam na cima
da arvore, tocando-
se delle, mandam
diante meu rosto
uma, para que avise
maldredo seu, observe
se está vivo ou mo-
rto, com tal tincto po-
rico, que não se fia
delle! O que feito, tor-
na segunda e tercei-
ra vez o espírito che-
gando se jai mais
algum morto, até
que de todo se persuau-

de estar envolto com
o que dando aviso
dos outros, descobri-
dos seu receio, e co-
mecando a saltar por
cima delle rochas q^m
triumphava do seu ini-
migo? A esti tempo
o heraldo, vendo-se ex-
cado da raca que espe-
rava, resuscitado a gran
de gressa? e dando so-
bre elles osni um las e du-
nis, de a hiraco e macabos
gride, e lheis converte as
festas em pranto, pa-
gando elles destes mados
a terroridade de sua
louca passada.

Fr. Luis de Granada

Patria.

... santo amor da Patria !

- Que é Patria ? Papae.

- Meu filho, o canto que nos agasalha logo que nascemos, o manto azul que descobrimos, o solo fértil que pisamos - é nossa Patria ; o que vemos neste bello terrão, de mais lindo, de mais sublime, de mais encantador - é nossa Patria ; o rio que desliza brandamente, as mesa copadas florestas habitadas por animaes ferozes e onde jalam, de gallo em gallo, passam multicoes que quebram o silencio da solidão com canticos maviosos - é nossa Patria ;

a esquadra da mar em que moramos, o alegre bairro em que vivemos, em fin, meu filho, todo esse catolicismo que tem o nome de Brasil - é nossa Patria.

- O Brasil não é minha Patria Papae.

- Porque ? meu filho

- Porque mamãe disse que eu sou paulista porque nasci em S. Paulo.

- Oh! meu filho, em que bairro nos moramos?

- No bairro da liberdade.

- Em que rua?

- Na rua Pedrozo

- Pois bem; nos moramos na rua Pedrozo e esta rua pertence ao bairro da liberdade; o bairro da liberdade é uma subárvore de S. Paulo, por isso pertence a S. Paulo; S. Paulo é um estado do Brasil, portanto pertence ao Brasil.

- Mas, Papai, o Borges não é brasileiro.

- Porque? meu filho.

- Porque ele disse que nasceu na Bahia.

- O Borges é brasileiro; o Brasil é muito grande e foi, por isso, dividido em muitas partes mais ou menos como S. Paulo e cada uma das partes ficou com um nome, mas não disse de ser Brasil.

Se Bahia, meu filho, tem uma

força poderosa sobre os nossos corações;
e quando a Pátria nos chama, que
fazemos os maiores sacrifícios; que
abandonamos a casa, a família,
aqueles que muito estimamos. Quan-
do a Pátria periga, não devemos
esquecer que somos seus filhos que
vidos e que, em sua defesa, não
devemos poupar nenhuma gota de
sangue; quando qualquer auda-
cioso tenta offendê-la, homens im-
pulsurados por essa força, levam-
tam-se e, por elle, batem-se
como leões.

Aquele que não é levado por
essa força, que não ama entra-
mamente sua Pátria, é um mons-
tro....

— Raul! Raul!

— Eee é, Mamãe?

Carlos Alfonso Landim

Lusitânia chão i mío accão.

O Sabiá

Oh meu sabiá formoso.

Sonoroso,

Já desponta a madrugada,
Desabrocha a linda rosa,

Donairosa,

Sobre a campina ouvalhada.

Manso o regato murmurava

Na verdura

Descrevendo gyros mil,

Somese a estrela brilhante,

Da esplântanea,

No horizonte cõr de anil.

Ergue-te, oh meu passarinho,

De teu ninho,

Vem posar da madrugada...

Modula teu terno canto,

Doce encanto

De minh' alma amargurada.

Dem junto à minha janella,
Sobre a bella
Derdejante laranjeira,
Beber o effluvio das flores,
Teus amores,
Mas asas da aura fagueira.

Desprende a voz adorada,
Namorada,
Poeta da solidão,
Ah! vem lancar com encanto
Mais um canto
No livro da criação!

Oh meu sábio formoso,
Sonoroso,
Já desponta a madrugada.
Deixa tu ninho altaneiro,
Dem ligeiro
Saídar a lus d'avorada.

Fagundes Varela

O lobo e o cordeiro

No tempo em que o lobo e o cordeiro estavam em trevas, desejava aquelle que se oferecesse occasião para os romper. Um dia que ambos se achavam na margem de um regato, indo beber, disse o lobo mal encalorizado contra o cordeiro: "Por que me turbais a agua que vou beber?" Respondeu elle mansamente: "Senhor fulano lobo, como posso eu turbar a vossa mercê a fonte, se ella corre de cima e eu estou ca mais abaixo?" Reconheceu o adversario a clareza do argumento, porém, variando de discurso, instou, dizendo: "Pois se não turbastes agora, a turbastes o anno passado." Sotiu-se o cordeiro, dizendo: "Como podia eu commetter um crime havera um anno, se eu não tenho ainda de idade maior que seis meses?" Então o lobo, enfadado, tanto mais quanto maior conveniente, disse:

"Pois se não fostes ás, foi fulano
curvado vossa pae." E investindo
ao sobresinho, o levou nos dentes.
Assim fazem os impíos e mali-
ciosos, e quem não ha inocen-
cia que satisfaça, nem desculpa
que contente.

P.º M. Bernardes.

A raposa e as uvas.

Contam que certa raposa,
Andando muito enfaimada,
Viu roxos, maduros cachelos
pendentes d'alta Vatada.

De bom grado as trincaria;
Mas, sem lhes poder chegar,
Disse: "Estão verdes, não prestam.
Só cais as podem tragár."

Eis cae uma parra, quando
Proseguia o seu caminho;
E, crendo que era algum bago,
Volta depressa o focinho.

Bocage.

Salto de Igu

A natureza parece haver concentrado toda a sua pujança na catarata tremenda.

Grandes moles de granito ali sobrepostas uns às outras por braços titânicos de alguma tribo de gigantes, negros monólitos entremeados às moles, dão às muralhas do canal um aspecto ameaçador e torvo.

De dia a queda da torrente parece ir arrancar das entrañas do solo os mais ricos minérios, uns gemmas preciosas, para atirá-las, espalhando, de encontro às fragas, alas de velhos contemplando o abismo, coroados com as estrelas das vegetações e envoltas no arreio das espumas: barathro e assembleia, ira e conselho, sítio de pavor e meditação.

O monte ouvem-se mugidos e estertores, queixas e lamentos com a passagem de uma voragem medonha. Dir-se-ia haver ali, ao alcance do olhar humano, a entrada de um dos cyclos apenás sonhados pela fervida imaginacão do divino poeta. Voltos indistintos agitam-se e estorcem-se naquellas trevas meio alumiadas

pela luz que se não sabe de onde vem, se do próprio baratto, se do firmamento constellado.

Se, porém, a lua ergue a pallida sua-
gem acima da catadupa, as águas revoltas
em caixões cobrem-se com o disco luminoso
do arco-iris, e pousando nelle a plante
subtil, envolve-se em um rei de nevoas e
fada Mae-d'Agua, no dizer singelo do povo,
e sobe acima do Palto ate voar nas agas do
vento.

O viajor que é colhido de surpresa por
Tamanha maravilha, embalde tenta arran-
car-se á seducao daquelle espetaculo.

Elo cahir da tarde, baldos de audori-
nhas desceudo ora seu espars, ora seu chui-
ma compacta, formam na muralha da pes-
te esquerda do rio. A muralha é cortada
a pique: as auerinhas seguram-se á pe-
nha e conservam-se de pé ate a alvor-
da, mas tão unidas, tão conchegadas e
em Tamanha copia que parece haver
alguma maõ misteriosa coberto a laço.
com um sudario negro. Os naturaes do
lugar chamam taperás ás auerinhas sin-
gulares que alli vao dormir.

Salvador de Mendonça

Oia Avante!

De erroneas tradições alfin despertam
bravos de issma nação,
e instrumentos de Deus abrem ao povo
em viso cheio prouir um mundo novo
á mente, ao coração.

Nas trepidas, obreiros do progresso,
eia avante! eia sur!
os males da ignorâncie e da miseria
vencei! Rendam-se escravos da matéria
aos soldados da luz.

Em verdo ferro á mortândade affeto
na batalha voraz,
tender a pena, em que lampaça a idéa;
e assim gravais no tempo amea epopeia
do traballho e da paz.

Tudo se inspira e tudo se electriza
da crença em que vivis,
e para gloria universal do ensino
distribue-se no liro o pão divino
entre povos e reis

Nu marcha triunfal quantos prodígios
tal cruzada produz !
Para matar a sede do vinhedo,
d'alma aos impulsos convertido, o ouro
corre em fontes de luz !

Aquece-se a desfática oliveira
o poder é poder ;
da força bruta o predominio acabe ;
tire a varão ; mas pode quem mais sabe
esperar e querer.

Firme-se a lei ao nível do direito
para todos igual.
Dessa igualdade imensos bens emanam.
Do monumento em que as nações irmanam,
a escola é o pedestal.

Illumina e abri para o futuro
com vossas nobres mãos,
a livre escola em alicerces fundos,
enquanto pede a voz dignos mundos
luz, mais luz, cidadãos !

O presbyterio.

O presbyterio, situado no meio
da povoação, era um edifi-
cio humilde, como todos os
que ainda subsistem, alavan-
cados pelos godos sobre o solo
da Espanha. Tantos enormes
e em cimento alteiam-lhe os
muros; cobre o ambito um tecto
achatado, tecido de grossas
traves de carvalho sobpostas
ao tigme colmo: e seu portal
profundo e estreito presagia
de certo modo a misteriosa
portada da cathedral da
idade media: as suas janel-
las, por onde a claridade,
passando para o interior, se
transforma em tristonho cre-
pusculo, são como um typo
indeciso e rude das festas
que, depois, alumiarão os
templos edificados no decimo

quarto seculo, atravez das
Quaes, coada por vidros de
mil cores, a luz ia bater
melancholica nos alvos pannos
dos muros gigantes e estampar
n'elles as sombras das colum-
nas e arcos enredados das
naves. Mas, si o presbyterio
misigothico, no escasso da
claridade, se approxima do
type christao de archiectura,
do resto revela que ainda
as ideias grosseiras do culto
de Odin nao se tem apaga-
do de todo nos filhos e netos
dos barbaros, convertidos
ha tres ou quatro seculos
á crença do Crucificado.

A. Herculano

I agricultura faz o pa-
triotismo. I I I I I

O lobo e o cão magro.

A pequena distancia de uma aldeia,
Um lobo encontra um gozo.
E quer ferrar-lhe o dente.

O cão, manhoso,
Evendo a coisa feia, —
Rapto entre pernas. — diz-lhe suavemente:
Peço perdão, — mas Vossa Senhoria,
Ou não vê bem de perto.

Ou vê de certo
Em mim polore iguala!...
Eu sou o que se chama — um cãoz d'osso;
Vendido em qualquer talho,

Não valho
Dois tremocos!...
Dever um conselho? Bajere. Muito breve,
Abençôno casar deve;

Convidado
Já fui para o noroado;

Tempo de boda,

Tempo de fartura:

Faz-se jocura

Vesta madraca toda!..

Tal como son, não passo dum lambisco;
E quanto que depois de uns dias ledo, —
Não se me gabar, — mas... um petisco

E devo ser

De selamur

Os dedos!...
Deixe que eu tire o ventre da miseria,
E venha, venha então!"

O lobo crê na lúria...
Olarga o cão!

Passam dias, - e, muito cauteloso,
Entra o lobo p'aldaria,
A ver se agarrar gozo
Melhor preia.

Mas em lugar seguro, o cão, velhaco:
"Porca, meu caro?" - diz; - prazer sem pa!...
Dois dedos de cavaco
Era o guarda-portão t'vamos dar;
Espera ahi portando;
Tramou o ferrolho!" -
Era o guarda-portão

Vem cangarrão
Capaz de estrangular um lobo enquanto
O demyo esfrega um olho!" -
O lobo avrel-o, diz - todo assustado:
"Senhor guarda-portão, vim seu criado!"
E as pernas fazem rápido exercicio!

Cha aqui istí um lobo que, a meu ver,
Mostrava não saber
Do seu offício!

Eduardo Gatti.

Cacada do bugio.

Há no Brasil e Cabo Verde tantos bugios, que são praga, e por que os estimam em Portugal, e muitas partes, por seus trigoitos, usam-lá num modo de os cocar sem os ferir, muito fácil e recreativo. Sarcasmhos, cocos abertos, e providos de mantimento nas paragens onde andam mais frequentes; mas abertos com tal proporção, que caiba a mão jô do bugio, aberta, e não fechadela, e como este animal é tão fardeloso, que cuidam os tapuyas que tem entendimento, tanto que empolgão no miolo do coco num ca o largo, nem sabe a bris a mão prasa a tirar fôra. Dão sobre elles os ca-

, eudores de repente, tanto que
os sentem enfrascados no
servo; e porque tem seu
velhacarito mas parvores,
fogem para elles, e faltando
elles as maoes para trespassarem,
deixam-se apanhos, por não
largarem a preza do manti-
mento.

d. F. Vieira.

Frei Fulgencio.

Contou a ordem carmelitana
no Rio de Janeiro, distintos sa-
cristões, entre outros frei Ful-
gencio, homem virtuoso, austero
na disciplina eclesiastica, e
muito douto; lecionou clérigo-
mos no seu convento, e muitos
dos seus discípulos doutoraram-
se, mas elle não; e quando lhe
perguntavam, por que se não ga-
nhava em doutor, disia:

— Antes quero que me perguntem
porque me não doutorei, do que
como me doutorei. D. Metrano.

O ratinho
(Traduzido de Leyre)

Um ratinho avistou de longe a ratoeira.
— Eu te conheço bem, disse parando,
machina traçoeira
de que meu velho pae anda sempre fallavolo.
Não chego, não, ah;
vendo-te assim de longe, eu fico satisfeito,
desconfio de ti.
— Mas sempre quero ver como tudo isto é feito.

E como julga ser o rato, mais expersto,
vae chegando, chegando, até ficar bem perto.
E olha, e tolma a olhar,
e dando a volta interior,
não canca de estudar
a ratoeira.

De repente descobre que lá dentro
um pedaço de queijo mal assado,
lá, bem no centro,
a um ganchinho parece pendurado.
— Ataí! é tentação, tenho certeza!
Mas o queijo está mesmo que é um regalo!
— Si pudesse de perto contemplal-o!

Oh! que beleza!

Mas é preciso entrar, e entrar é perigoso
meu pae o disse!.....

- Estará mesmo armada?

Também um rato assim tão cauteloso
nunca vê nada!

- Isto é tolice!

E vai entrando, entrando,
e a gulodice
sempre augmentando.

E quando está bem perto da armadilha,
aspira -lhe o perfume,
examina -lhe a cor, as formas e o volume,
dizendo: - Eu te conheço;
não me filia!

Ate já me despeço.

Mas não pode sair! Está tentado!

- Deve estar muito bom! oh, como cheira!
que bom bocado!

que petisqueira!

Afinal dá a dentada.

Volta assustado,
quer sair, mas não pode; a ratoera
já está fechada!

Re Pinzari

Rumo do Oriente

Rasgando a vaga, erguendo a pé, bixando as velas,
-velas cōr de luar com uma cruz cōr de sangue,-
la vāo, no mar imenso, as leves caravelas,
como num lago azul o cyne evelto e sangue.

Embora ruja a vaga, embora contra ellas
estale o raiô, estronde o vento, o céu se janguel,
la vāo, mares em fora, orgulhosas e bellas,
sob a cruz onde Christo explaudiu esangue.

Baloiçando na onda ao capricho da sorte,
la vāo, rumo do Oriente, em busca dum escuro,
que talvez reja a Glória e talvez seja a Morte.

E enquanto mais e mais a grandeza do Oceano
e a grandeza do Ceu elles amaduram o porte,
mais crescem essas naus do Gama sobrehumano.

Anadem Brancaf.

Um Raio do Sol.

Há quanto tempo nascera o Sol, e a Heleninha ainda a dormir? Como sorri! Alguém sentiu alegre. Ainda ninguém entrou no quarto della, e, a pesar disto, a Heleninha já fôje receber um beijo. Quem foi então que lhe o deu? Algum parrarinho que entrasse pela janella? Não; a janella está fechada. Foi um Raio do Sol, que, penetrando por uma fenda, pouzou nos labios de Helena e ficou todo esfumado de encontrar uma menina a dormir. Mas, de repente, Helena acorda, estrega os olhos, relançia a vista por todos os lados para ver quem a acordara, e daí veio o raio do Sol.

— Raiozinho brilhante, diz-lhe ella, tiveste muito juizo em me vireis visitar. Espero em que

estás levantado há muito tempo,
quem sabe mesmo se já trabalha-
chaste muito esta manhã?

— É verdade que sim, responde
o Raio, já trabalhei muito. Quando
o meu paiz me despede não me
dá licença que, me divulta, tem
razão, por que eu quando estou
mais contente é quando trabalho.

— O teu paiz? Mas quem é o teu
paiz?

— É o Sol. Mira lá em cima, mui-
to alto, no céo. É tão grande, tão
grande, quem não poderia vir a ter-
ra; por isso, manda os filhos
em seu lugar. Os filhos só os
raios do Sol, meus irmãos, que
é minha similitudine, alu-
miam e aquecem a terra.

— Mas, torna Cleusa, os teus
irmãos poderiam entrar com-
tigo no quarto?

— De modo nenhum; a janela
era estreita. Só eu pude pas-
sar. Os outros raios ficaram
lá fora, estavam alumbrando a fa-

chada da cara. Agora, se tu quizeres abrir a jarella, entraraõ contentissimos no teu quarto.

Helena levantou-se e foi abrir a jarella de pen com par. Os raios do Sol entraram todos ao mesmo tempo no quarto e encheram-no de luz. Helena preparouse, almoçou e deu principio ao seu dia, com a firme tençao de se tornar numa boa trabalhadeirassisa.

Suzanna Forman.

As boas palavras conse-
guem o mais que a mero-
lucro.
Lidia. SÉDOW

Mãe e Filho

— Tica, filhinho. O Inverno vagueia lá
fora, levando nas suas ragaçõezas brancas o ge-
lo da morte. Espera; não tarda que os raios
deurados do sol verham afigentado-lá pe-
lo interior das fumaças, ou pelas entranhas
sombrias das humidas cavernas. Tica, meu
filho!

— Não, mãe; quero ver as risonhas
camposas por onde houveram todos os dias;
quero saudar o regato que murmurava alien
umas doces canções; airos contemplar a
floresta virgem, onde entrova meu paiz vi-
ver cantando os seus amores.

— Osbera, filhinho. Osbera primeiro que
a Natureza te revista da cobertura quente
das pernas, espera que tais remigos se des-
envolvam, para que possas, rapidão, rasgar
a amplitude do espaço e fugir à fúria do
falcão imago. Tais abandonos assunha con-
cha ondulada do teu nariz. Tica, filho queri-
do!

A danda avejinha não lhe valeram nem
os temor conselhos; nem o desespero da po-

bre maé.

Singui do ninho; extender o voo pelo campo afira; entrou pelos bosques; sorvem o perfume delicioso das matas; e daí saiuindo, chegou à margem dum ribeiro, e banhou-se na lympha crystallina. Depois, sobre um ramo que largava as águas, abriu pela primeira vez a galgarinhada sonora, num canto suave, mavoso.

Quando de novo quis levantar o voo, sen-
tir as debilidades entorpecidas pela neve, fez
ainda um esforço supremo, mas, ao atravessar
para para a margem fronteira, tombou sobre
as águas maravilhosas, e lá se foi, arrasta-
da pela corrente, desapparecendo ao longe,
muito ao longe, o seu vulto pequenino.

S. Paulo - 1900.

J. L. Pinto

Amitavaos bons exemplos

Hora estratagema

Revolta de Blefman

Conta-se desse tempo um facto curioso e singular, que caracterisa assaz a lenindade de quasi parent com que os amotinados se houveram durante nessa perigosa aventura. Desejaram todos assegurar o exito da revolução, mas temerosos ao mesmo tempo da tremenda responsabilidade que ella trazia consigo, não haja quem não enguisse a sua autoria. Neste delicado e contraditório impasse, imaginaram uma traga, que lhes pareceu não menos subtil e engenhosa que propria para conseguir os fins que se propunham. Guardaram varias folhas de papéis, traçaram no seu centro um grande círculo, e escreveram dentro dele a relação da revolta com todas as suas causas justificativas, obrigando-se por-

firm com juroamento a
miserabil - a em todas as suas
consequencias, sob pena de
maldição divina, e outras
severas desgraças, não só con-
tra os que faltassem ao pacto
de, senão ainda contra todos
os seus filhos, e ultimos des-
cendentes. Por fina, derredor
do circulo, foi cada um depois
firmando sua assinatura, de
maneira que não era possi-
vel conhecer quem primeiro
subscrerá. Com este pueril
subterfugio, sentindo-se todos
obrigados, já nem hiam receava
ser qualificado cábega.

João Francisco Lisboa..

O mais feliz dos homens é
aquele que melhor empree-
ga o seu tempo. 0 0 0

O Padre Voador

Em Santos, no anno de 1685, nasceu Bartolomeu Lourenço de Gusmão. Pertencia a uma família illustre. Seu irmão, Alexandre de Gusmão, foi notável estadista. Sua irmã, D. Joana de Gusmão, distinguiu-se tanto por suas virtudes, que chegou a ser julgada santa pelo povo de Destebarro - hoje Floriatópolis - onde morreu em completa pobreza.

Bartolomeu Lourenço de Gusmão em terra idade foi para Portugal, onde estudou canones na Universidade de Coimbra. Era pouco vulgar a sua illustração; sabia com perfeição a língua Latina, falava com perfeição a francesa e a italiana, e conhecia bem a grega e hebreica. Além do estudo de línguas dedicou-se ao de physica, e a este

devera a sua grande morteada,
e também o seu triste fim.

Foi o inventor dos balões
aerostatos. No dia 8 de Agosto
de 1720 fez a sua primeira as-
censão, perante a corte de Lis-
boa, causando assombro a todos.

O povo ignorante d'aquella
época não queria acreditar
na realidade do encontro do pa-
dre Guimão. Chamararam-no
Loreto e ridicularizavam-no com
os nomes de Passarola e padre voador;
os poetas d'aquele tempo, que
não podiam, por sua ignorância,
compreender tão estranho suc-
cesso, escreviam versos ironi-
sticos, que até hoje se conservam
para vergonha de seus autores.

Depois que realizou-se a ex-
periencia, que o padre Guis-
mão elevou-se realmente no
ar com sua passarola, que era co-
mo chamariam também o seu
encontro, a população já não
o chamava de Loreto, mas dis-
se que tinha um pacto com

a espirito maligno, si é que não era o diabo em pessoa.

Foi denunciado à Inquisição e obrigado a fugir de Portugal, para não ser condenado, como feiticeiro, a morrer queimado nas bantas fogueiras.

Refugiou-se em Espanha, onde foi acabar seus dias sobre um miserável catre dum hospital de Toledo. Morreu, reduzido a extrema pobreza, no dia 18 de Outubro de 1724.

Sai 34 anos depois, em 5 de Junho de 1783, em França, realizou-se uma nova ascensão aerostática, feita pelos irmãos Montgolfier, que então passaram por ser os inventores dos balões.

- Compilações

Quem é forte protege o fraco.

Clarinha

Rompe, canto, o navio as ondas lúmínicas,
desprendidas ao vento os largos pañuelos brancos.
Vão-se, aos poucos, sumindo as costas, os barreiros,
e o esfumado perfil das montanhas sandáreas.

Como o activo leão, em ríspidos cerrados,
para o inimigo avança ar garras sanguinosas,
também agita o mar as vagas tormentosas,
e do navio arrasta os mordiscos flamencos.

Depois correga e gême. É calmo o secano agora.
Sobre as águas derama um clarão oscilante
a lua que no céu, entre nuvens, campeia.

Eue tristeza que sente o que se vai embora,
ouviendo, à noite, o mar, que nas praias distantes,
entre os penharescos chara, e casta sobre a areia!

S. Paulo - 1875

Oriberto Faria

General Osorio

Procurou-o um dia um sujeito que queria vender ao governo, ocupado na remonta de corpos de cavalaria do sul, cavalos na maior parte imprestáveis.

Queria o sujeito uma carta do general, recomendando-o a comissão.

O general respondeu:

— Homem, você é entendido na matéria e não desconhece as exigências do governo. Se os seus cavalos são bons, para que quer recomendações?

— Para evitar injustiças.

— Pois, então escreva você mesmo o que vou ditar.

E ditou:

« Ilms. Srs. — O portador vai conduzindo uma caçada que pretende vender

ao Estado, mediante o privado exame da commissão de que são D. Exs. digníssimos membros. A primeira condição p. a boa cavallaria é a velocidade de e esta depende da excelência dos cavallos; portanto seria excusado lembrar duas coisas: primeira, que os animais imprestáveis que levam o portador devem ser refugados, e, segunda, que D. Exs devem ser rigorosos no cumprimento das ordens do governo. Esta carta só tem por fim pedir que V. Exs despachem com brevidade o portador."

— Não, general, esta carta não me serve, disse o bombar.

— Pois dé-m'a, disse Osorio, tomando-a de cima da mesa e rasgando-a. O que queria de mim? Uma indignidade? Que ideia faz o senhor

da bondade almeia? Se a não tem, respeite a dos outros.

F. Diorio.

A primeira escola de São Paulo

Fundou-se o colégio de São Paulo em 1554. Em uma pobre casinha feita de madeira e barro e coberta de palha, com uma esteira de canas por porta, vivia José de Anchieta e seus companheiros. Não contava a habitação mais de quatorze passos de comprimento e des de largura, e servia este estreito abrigo de escola, enfermaria, dormitório, cozinha e refeitório.

Ahi o Padre Anchieta lecionava os seus alunos

e muitas vezes molestados pelo fumo que encbia a habitação, sabiam para fora, e expostos aos rigores do inverno, que gelava-lhes as mãos, faziam suas leituras e outros exercícios.

Livros não os tinham, e o mestre tinha que remediar essa falta copiando as lições nos cadernos de cada um dos alunos.

Mas, apesar de tantos embargos, os pequenos indígenas iam adquirindo poucos a poucos esses conhecimentos, que transformavam os barbaros filhos das matas em auxiliares da civilização europeia, que devia aqui se desenvolver.

(Compilações históricas
de R. Puggari)

~ Um apólogo ~

— Era uma vez uma agulha, que disse a um novello de leirha:

— Porque está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma cosa neste mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Iue a deixe? Iue a deixe, por que? Porque lhe digo que está com um ar inopportavel? Repito que sim, e fallarei sempre que me der na cabeca.

— Iue cabeca, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeca. Iue lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— De certo que sou.

— Mas por que?

— É boa! Porque cose. Então os vestidos e infetos de nossa ama, quem é que os cose, sendo eu?

— Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

— Você fura o panno, nada mais; eu é que cose, prendo um pedaco ao outro, dou feição aos labados...

— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o panno, vou adiante, puxando por você, que vem atrás,

obedecendo ao que eu faço e mando...

- Também os batedores vão adiante do imperador.

- Você, imperador?

- Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um pa-
pel subalterno, indo adiante, vai só mostrando o
caminho, vae fazendo o trabalho obscuro e infimo.

Eu é que prendo, ligo, afunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da
baroneza. Não sei se disse que isto se passava em casa
de uma baroneza, que tinha a modista ao pé de si, para
não andar atrás d'ella. Chegou a costureira, pegou
do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou
linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam
andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a
melhor das sedas, entre os dedos da costureira, agindo como
os galgos de Diana - para dar a isto uma cõr poética.
E dirigia a agulha:

- Então, senhora linha, ainda temia no que digia
ta pouco? Não repará que esta distinta costureira é o se-
importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos d'ella,
unindo-lhe a ellos, furando abacico e acima...

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco
aberto pela agulha era logo enchido por ella, silencio-
sa e activa, como quem sabe o que faz, e não está para
ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ella não
lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando.

S'era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plac-plac da agulha no farrim. Ladeando o sol, a costureira dobrava a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baroneza vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no coquinho, para dar algum ponto necessário. Enquanto compunha o vestido da bella dama, e fuzilava a um lado e outro, arrancava d'aquele d'ali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha para mostrar da agulha, perguntou-lhe:
— Ora agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da Baroneza, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balé das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada, mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha: Senta, aprende, tola. Cancas-te em abrir caminho para ella e ella é que vai gozar da vida, enquanto tu ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abre caminho para ninguém. Onde me estetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: Também eu tinhos servido de agulha a muita linha ordinaria!

Machado de Assis.

Um quinão.

Este dia, Alfredo lia um livro de Botânica, numa página que tratava das folhas. Ali se dava como exemplo de folha perennifolia, a folha da mangueira.

Alfredo começou a pensar: Cogeu-se-ria que se não dizer folha de manga? Recorrendo alguma conta foi ter com o irmão e disse-lhe: Juvenal, tenho um colega que está com a gengiva inchada. Sabes um remédio?

- Folhas de batata.

- Mas, ele está com estupro também.

- Então é muito bom um elixir de folhas de laranja, com açucar queimado.

- Podes arranjar essas folhas?

- Já, até.

Juvenal correu ao quintal e trouxe, todo entusiasmado, as folhas recitadas. Alfredo deu uma gargalhada e disse: Essas folhas são de laranjeira e batateira, porquanto, laranja e batata não são folhas. O Alfredo que ria perdoava, exclamou: Excelente quinão!

João Borges.

Meus companheiros

O Juquinha se aborrece,
pois, si o pobre nem conhece
uma letra do a - b - c !
ja se vê.

quando faltam companheiros
para seus linsus legeiros.
ruza os braços,
e não sabe dar dous passos.

Não ha meio de ir a escola.
— Ora dalem' isto amola !
aprender ? oh ! que massada ! ..
não sei nada,
entretanto von vivendo,
von dormindo, von comendo,
sem trabalhos,
sem ouvir do mestre os ralhos.

O Barlinhos é o contrario;
trabalha sempre no horario,
attende a todos e a tudo,
e no estudo

em progresso i tar feando,
sabe as lições tão a fundo,
que parece
que o brinquedo desconhece.

Não i assim; se diverte,
nem um momento está inerte,
estuda, brinca e passa.

Não receta
nem fadiga, nem cansaco;
tem uma tempeira de aço,
e robusto,
consegue tudo sem custo.

Qual dos dous i mais amavel?
O juquinha i bem travado,
bom rapaz, muito atencioso,
mas o goso
resume na radiagem.
Eu gosto mais da coragem
do Carlinhos;
só p'ra elle os meus casinhos.

R. Pizzani

A Volta

Surgiu a manhã, serrando pela boleia luminosa do sol naciente

O campanário esguio recebe em obis mil raios dourados que nello se espalam, num banco quento de luz. Sidera-o o brando jorjal que a estação invernoada acochou para estranhas regiões, e que hoje retorna, embriado os ouros de chibros alegres, triunfantes.

Sim: voltaram as alegres gentes, as dandias andorribas - as sandocas habitantes daquella terra errua e solitária.

Rapidas sumo flechar, elas passam através das janelas, dende pendente os antigos bronzes, despertando com protuberâncias aquedos e reanto silencioso; outras atingem o ponto mais culminante do velho

tempo, empoleirando-se lá em cima, onde o erugendo abre os braços ao céo, e, comitô justinhos, vai murmurando uns pulsos doces, suaves.

Ou outro bandô gayil sóbredo espaço aquil e, alto, bem alto, descreve uma série interminável de arcos. Estes desem em curvilíneas ao solo, e, num ritmo constante, arrastam, círculo, aquil e ali as migalhas que lhes sustentam.

O assun vai frassando no quadro profúcia, fato que o bicho vibrante do Inverno venha apagantar as inocentes avejinhos, que das todos os dias uma nota festiva ao retineto campanário.

S. Paulo - 1900.

J. Bento e Souza

Jaguarari

Quando os hollandeses invadiram pela primeira vez a Bahia, os portugueses de pais de fraca resistencia, retiraram-se precipitadamente para o Rio Vermelho, onde se acamparam. Jaguarari, seu aliado, os acompanhara, mas tendo os deixado acampados e na segurança que os tempos permitiam, voltou á cidade, onde havia deixado a mulher e os filhos para os resgatar, ou servir na companhia de sua família, que só nesse podiam pôr esperança. A este tempo fai alguns portugueses, por motivos infinitamente menos nobres, tinham pactuado com os invasores, passando-se para elles. Com a chegada de D. Fradique de Toledo, os hollandeses retiraram-se; os portugueses traidores ficaram impunes; mas o índio carregado de ferros, é arrastado ate o Rio Grande do Norte, e ali encerrado no forte, talvez na casa escura, não lhe valendo para

desculpa o amor que devia ter a sua gente.

Quando, porém, mudadas as circunstâncias, os holandeses entraram no Rio Grande, mas obstante os annos decorridos, ainda alli encontraram o índio feroz, e entenderam que o seu justo sentimento lhes assegurava um prestante aliado. Não lhe impõe condições para a cultura, quebram-lhe os ferros e o índio é posto em liberdade. Eho vir a lujo, a que já estava desacostumado, enmagrecido e curvado, mais pelas correntes do que pelos annos, e em tempo em que as armas portuguezas adiam a fortuna do Conde Mauricio, juntou gente e foi unir-se aos seus antigos aliados, como para mostrar-lhes que a beleza de um reiagem ainda era maior que a ingratidão dos europeus.

A. Gonçalves Dias.

Guttenberg e a imprensa.

A imprensa typographica foi inventada por João Guttenberg, no anno de 1436. Antes da invenção de Guttenberg, todas as produções do espírito humano só se podiam conservar e transmitir por meios de manuscritos; e ficavam partantemente encerradas nas estantes de seus autores, ou guardadas em bibliothecas, onde apesar de podiam aproveitar-se raros individuos, que se achavam em condições de consultá-las.

Também por essa razão as sciencias, letras e artes constituiriam um verdadeiro museu-palio de penas humanas: monopólio fatal, que o feliz descobrimento de Guttenberg destruiu, facilitando a propagação e a permuta das ideias e dos conhecimentos das salas, ideias e conhecimentos, que se tornaram, graças à imprensa, propriedade do gênero humano.

João Guttenberg, o grande benemerito da civilização, nasceu em Mogúncia na

Albuquerque, no anno de 1490, e morreu
no 1468

Obrigado a expatriar se por motivo das
suas exaltadas opiniões políticas, fui
estabelecer-se em Strasbourg nos annos de
1424, e alli fez pelos annos de 1438 a
1440 os primeiros ensaios do impren-
sor typographica.

Despregou o principio caracteres um
meio feitos de cerâmica, e negados
afinal, depois de pacientes comuni-
cações e ensaios, a fages types de
metal fundido, nasados em moldes
em matrizes.

Estava descoberto o art typographica.

Barão de Macabubas

Barão de Macabubas

O Barão de Macabubas! Quem não co-
nhece de nome? Era autor de muitos
livros de ensino, que expatrou gratuitamente
por centenares de escolas. Toda
uma longa vida foi dedicada ao ensino. O "Col-
égio Nátilio" a princípio na Bahia, e depois no
Rio de Janeiro, foi um modelo.

Intervençāo dos Andradās

Acerca da pobreza de José Bonifácio, que não possuia mais dízimo quando foi preso e deportado, contarei uma anedota, que não sera lida sem interesse.

Os ministros da regencia de D. Pedro pediram seu ordenado à metade do que eram no tempo de D. João VI. Ficaram com 4.800 pesos armados, pagos mensalmente.

José Bonifácio, recebendo 400 pesos em bilhete do Banco, de um mero de seu ordenado, os meteu no feudo do chapéu, e no Theatro lhe roubaram o chapéu e o conteúdo.

O primeiro ministro do império do Brasil, achou-se o dia seguinte sem ter com o que manadar comprar o jantar. Não possuia nem um din-
heiro maior, e seu sobrinho Belchior Fernandes Pinheiro foi quem pagou, ao despesado do dia.
Em combate José Bonifácio referiu

esta ocorrência à extrema necessidade, a qual ella é reduzida à sua família.

O imperador entendeu que o ministro, visto a penuria em que se achava, devia ser indemnizado, pagando-se-lhe outro dia de ordenado, e, neste sentido, deu ali ad sua ordem ao ministro da Fazenda.

Martinho Francisco não obedeceu. Disse ao imperador que não havia lei que pusesse a cargo do Estado os despendos da empregada pública; que a anna tinha para todos doze mil réis e não tinha para os protegidos; e, finalmente, pediu à sua Majestade retratar a sua ordem, porque era exequível que elle, Martinho Francisco, repartisse com sua esposa o seu ordenado e que sirvesssem ambos com maior parcimonia aquelle mês, e que era melhor do que dar ao povo o funesto exemplo de se pagar ao ministro duas reais a ordenado de um dia.

Este incidente não foi mais adiante.

Martim Francisco repartiu com seu
irmão o dinheiro que tinha, José
José Bonifácio da Silva por díante de to-
mou maior cuidado na chapéu, e no
dinheiro que recebia.

Antonio Mendes Vasconcelos do Pramond.

— O poeta Silva Alvaranga —

Voltava de Portugal em 1777,
o poeta Manoel Inácio da Sil-
va Alvaranga, a bordo do navio
"Príncipe das Beiras", comanda-
do por Manoel Gonçalves Lino.

Ao que parece o capitão que-
dava para si o melhor das qua-
rias de sua dispensa, e aos pas-
sageiros não proporcionava nenh-
um alimento quebrado - sejunt, que
mal chegavam para distrair
a fome, que inspirou a Alvaran-
ga o seguinte soneto:

E que ave porta que seguise o bem talhado
aos fastos galardões causes inveja,
ou que as frouxas ao vento que forceja,
e ao bravo mar origido costado...^{de}

Se tu, príncipe magro e descorado
em vão pedes as peias que te proteja,
se um dia só não passa sem que seja
por sucessos de fome assinalado!

O capitão co' os olhos na frascaria
de suete os paixos e presentes come,
e os maiores jejuares a semana intira.

Que amida o capitão ou amida o nome,
se não, em vez de Príncipe da Barra,
serás chamado o príncipe da fome.

-Compições -

Senhor destra realçava-me

recimento. anno 1011

Um arjinho enfermeiro

Esta' melhor, dizem o Dr. Silva e' seu cliente Paiva, este... Agora o que é preciso é tomar alguns varios destes becos sol... Vira' cada feira forte.

Pedrinho ouviu e recommencou a ger e' melores feiras a sua mãe.

Pedrinho era uma interessante crianc'ca de tres annos de idade, filha da 'Raiva.

Foge ger e medico saiu, elle foi a cozinhar, agarrou um boião bem limpo e voltar ao quintal.

O tempo estava esplêndido!

Pedrinho cozinhou o boião de modo ger os varios des sol caiesem-lhe desbris.

Esperou um pouco, e depois, tapando cuidadosamente o boião com a fralda da camisinha, foi correndo levá-lo a sua mãe.

Toma, Toma, monta manauinha,
diz elle, o doutor mandou... Não tem
mais gosto, mãe... É para ficar boa
prova com boceleiros... É o sol.

D. Gomes, enternecida abraçou o
pequeno, e por entre lagrimas e sorri-
eis de dor.

"Bem sei, filhinho, que não podemos
guardar o sol... O boiás está vazio,
não tem... Abas, filhos da meia' alma,
melhor é que os raios do sol forem
para mim esses raios de seu amor.

"Como sou feliz!"

Dr. Almeida Vieira.

Dr. Almeida Vieira

O Dr. Almeida Vieira era
um medico distinto; que aban-
donoando a medicina, de-
dicou-se completamente à
instrução popular.

Viveu pobrissimo, morreu pro-
bre mas deixou a sua famí-
lia um tesouro precioso —
a lembrança de uma vida
consagrada ao amor das cri-
anças.

A. Flor

Despontou o batao ! cresceu !
entreabriu ! corou ! desape-
tar-se ! desdobrou-se de to-
do ! eis a flor !

Nunca a planta pareceu
tais maravilhas ! Sobretan-
do amea resumiram as
sua amaral !

As cores, o cheiro, as formas
encontradoras desto efhe-
mora maravilha, apre-
endidada, flor, namanhão
até os espíritos suau res-
ticos, mais ignorantes, ou
mais reflexivos.

O camponez se detém para
a considerar; o menino,
que ainda não fala, a pede
por aconselhos; a formosa a
cubica para se abrigar;
mil insectos e vombos fol-
gam de se ir embalar nel-
la aos zephyros; a ave a
espreita do seu ninho; a
abelha que vai pedir ond-

os olhos do velho uma sonda
de; o pintor se apressa de
a retratar; a florista de
a esculpir; o destilador de
lhe recolher o espirito em
cristais; o sabio de a escre-
ver, estuda-l-a, em quanto
o poeta lhe doce e lhe con-
sagra um conto intimo;
e o religioso extrae d'ella
uma das suas oracoes mais
fervorosas.

A. F. da Castinha.

Sequejou a basa de sua
forca para com os fracos,
www a ser castigado por
outro mais forte. f f f f

O desembargador Pedro
Belmودota

Brinado de D. João VI. Rio de Janeiro.

esta época em que vivia o desem-
bargador Pedro, a câmara municipal
marcava o maximum das pre-
ços dos géneros de primeira necessi-
dade, e fiscalizava o mercado, im-
peditindo que se vendessem ao povo
géneros alimentícios deteriorados.

Aquele desembargador princi-
pia a câmara municipal como
juiz de justa que era, e portanto
a seu cargo, principalmente, esta-
va o cuidado de garantir no povo
géneros alimentícios em bom es-
tado e por um preço não exa-
gorado.

Nesse ponto era o desembar-
gador Pedro muito unido, e um
certo mercador de farinha de
maneira, que era fornecedor
das casas de alguns fidalgos
mais influentes, tinha tudo
por ele mais de uma vez con-
denado em consequência de

verdade farinha arariada ao
fogo, e ainda em cima de tor-
nava balança infiel.

O negociante, cansado desaf-
fer d'motidaõ do juiz, appel-
lou para os milagres do fra-
tornato.

Um dia em que o desen-
bargador Petra dava audiencia,
aproximouse delle o negoci-
ante de farinha, e apresentou-
lhe um aviso au fantaria do
ministro em que era ordena-
do ao juiz da fóia que não
incomodasse mais o forne-
cedor das pidelgas.

O desembargador lhe pri-
mou para si e depois em
alta voz a ordem do governo,
e em segunda viagem respi-
stamente o aviso au fantaria,
e disse:

— Pode ser desculpado e furtar
a sua vantade: o governo o au-
toriza a roubar ab fogo; eu hu-
de cumprido as ordens do governo,

e V. ob. " fará muito bem se
pertar dez reis mais do que
pertard até agora.

Joaquim Emanuel de Almeida

Uma bela inscrição
esta entrada do Lycée de
Porto e Ofícios do Rio de Ja-
neiro traz a seguinte ins-
crição mandada gravar
pelo Srs. Francisco Joaquim
Bittencourt da Silva, a quem
se deve a organização d'aquele
e magnífico estabelecimento.
Aqui d'obre ao mundo não se humilha,
São iguais nata e rota os cidadãos;
O que só vale a gloria do trabalho,
Estas aulas do Lycée ha só imães.

Alvarina:

Os ligados de esplendor e sabi-
doria divinas ao gênero humano, são
os mais seguros monumentos para per-
petuar a nossa memória e nomear
nos séculos futuros Manica.

A cigarra e a formiga.
Tenda cigarra em cantigas
Folgado todo o verão,
Achou-se em pernaia extrema,
Na tormentosa estação.

Na olhe restando migalha,
Que trincasse, a lagarella
Fria levara da formiga,
Que morava perto d'ella.
Bogar lhe que lhe impunha,
Pristinha riqueza, e brio,
Algum grão com que manter-se
E voltar o acceso estio.

"Formiga, (diga cigarra)
Proibetto, a fi de animal,
Engau voz anter de agosto
E juroz, e o principal."
A formiga nunca empusta,
Tinca dia, por isso aponta.
"Noverão, cinque lidava?"
A pedinte ella pergunta.

Responde a outra: "Em cantiga
Norte e dia, a toda a hora."
"Oh! Bravo!" (fornha a formiga)
Cantava? Pois dança agora!
Docorge.

O Brasil

O Novo Mundo é a matilha
fazendo o Brasil, vastissima Região,
felicissimo Terrero, em cuja
superficie todo seu Povo abro
em cimo e centro todo seu Thesouro,
em suas montanhas e costas
sua Pecunia, tributando os seus
campos e mares etéreos abrantes
sue minas e mares fios arvo,
os seus Brancos e mares suave
leves, e os seus mares e ambar
mais adecto, adorável pais,
a todos os lures ricos.

(menhuma outra Região
se mostra e é mais saudosa,
nem madeira mais bella
a uirada; se sol em menhem
sua harmonia tem os ruídos
tão docedos nem os reflexos
noturnos tão brilhantes, nem
estrelas em os mares benignas
e se mostram sempre allegras,
os horizontes em madeira e sôl, em
se espalha eternamente claras,

nos a que os em se tornam mais festeis
peitos campos, ou dentro das
províncias nos aquedutos,
que são mais festeis

A sua costa é a mais
famosa que encontro as
mocas abertas, pois em toda
ela e em qual quer tempo,
estão as suas elevadas
montanhas e altos canyons das
cabanas e vestidos de roupas
e tapas e micos verdes, por
onde encontro innumeráveis
cachalos os rios, que em
causas e diafaneias
davantes pareciam cistais
mas encaixilhos, ou levam
trilhos a seus mares, em
que ha grandes encostas,
morros e continuados portos
capacissimos das encomias
deuses e das mais nume-
rosas serradas.

Sebastião da Rocha Pitta

Índice

PAG.

	<i>PAG.</i>
<i>A Calligraphia</i>	3
<i>A lingua portugueza</i>	8
<i>Vozes de animaes</i>	9
<i>Lucas</i>	12
<i>O Gil</i>	14
<i>Natal</i>	15
<i>Anniversario</i>	16
<i>Arrependimento infantil</i>	18
<i>Bosquejo</i>	25
<i>A superstição</i>	26
<i>Filisberto de Carvalho</i>	28
<i>As duas mães</i>	29
<i>Amor de familia</i>	30
<i>A lagarta e o bicho da seda</i>	32
<i>Um castello.... em papas (autographo)</i>	33
<i>A palavra</i>	36
<i>Antonio João</i>	37
<i>Amigos</i>	43
<i>O relogio (autographo)</i>	45
<i>Glorias futuras</i>	48
<i>Hilario Ribeiro</i>	49
<i>O leão e a Raposa</i>	50
<i>Piratininga</i>	51
<i>D. Maria de Souza</i>	52
<i>Chromo</i>	53
<i>O mestre de reza</i>	54
<i>Bartholomeu Bueno da Silva</i>	58
<i>O Orgulho da aguia</i>	60
<i>Astucia do Tigre</i>	62
<i>Patria (autographo)</i>	65
<i>O Sabiá</i>	68
<i>O lobo e o cordeiro</i>	70
<i>A raposa e as uvas</i>	71
<i>Salto de Itú</i>	72

<i>Eia Avante!</i>	74
<i>O presbyterio</i>	76
<i>O lobo e o cão magro</i>	78
<i>Caçada de bujios</i>	80
<i>Frei Fulgencio</i>	81
<i>O ratinho (autographo)</i>	82
<i>O rumo do Oriente (autographo)</i>	84
<i>Um raio do sol</i>	85
<i>Mãe e filho (autographo)</i>	88
<i>Um estratagema</i>	90
<i>O padre voador</i>	92
<i>Marinha (autographo)</i>	95
<i>General Osorio</i>	96
<i>A primeira escola de S. Paulo</i>	98
<i>Um apolo</i>	100
<i>Um quinhão</i>	103
<i>Meus companheiros</i>	104
<i>A volta (autographo)</i>	106
<i>Jaguarari</i>	108
<i>Guttemberg e a imprensa</i>	110
<i>Barão de Macahubas</i>	111
<i>Inteireza dos Andradas</i>	112
<i>O poeta Silva Alvarenga</i>	114
<i>Um anjinho enfermeiro</i>	116
<i>Dr. Menezes Vieira</i>	117
<i>A flôr</i>	118
<i>O desembargador Pedra</i>	120
<i>Joaquim Manoel de Macedo</i>	122
<i>Maxima</i>	122
<i>A cigarra e a formiga</i>	123
<i>O Brasil</i>	124



FRANCISCO ALVES & COMP. — Editores

Rio de Janeiro — S. Paulo — Belo Horizonte

SÉRIES DE LIVROS DE LEITURA

JOÃO KÖPKE

Primeiro livro	1\$500	Quinto livro	4\$000
Segundo livro	2\$000	Fabulas	1\$500
Terceiro livro	2\$000	Leituras Praticas	1\$500
Quarto livro	3\$000		

PUIGGARI-BARRETO

Primeiro livro	1\$500	Quarto livro	3\$000
Segundo livro	2\$000	Quinto livro	4\$000
Terceiro livro	2\$000		

ARNALDO BARRETO

Cartilha analytica	1\$500	Primeiras leituras	2\$000
Cartilha das Mães	1\$000	Leituras Moraes	1\$500

THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia	\$500	Terceiro livro	2\$000
Segundo livro	1\$000		

FRANCISCO VIANNA E MIGUEL CALNEIRO JUNIOR

Leituras Infantis — Leitura preparatoria	1\$500
--	--------

FELISBERTO DE CARVALHO

Primeiro livro	1\$500	Quarto livro	3\$000
Segundo livro	2\$000	Quinto livro	3\$000
Terceiro livro	2\$500		

MARIO BULCÃO

Vida Infantil — Primeiro livro	1\$500		
> > — Segundo livro	2\$000		
> > — Terceiro livro	2\$000		
> > — Quarto livro	\$		

FRANCISCO VIANNA

Leituras Infantis — Primeiro livro	1\$500
> > — Segundo livro	2\$000
> > — Terceiro livro	2\$000
> > — Quarto livro (em preparação)	